Poemas sobre Sua Majestade, o LIVRO

Uma microantologia

Separatas a Esmo #3

Poemas sobre Sua Majestade, o LIVRO

Uma microantologia

Seleção e edição de
Sammis Reachers

Separatas a Esmo #3

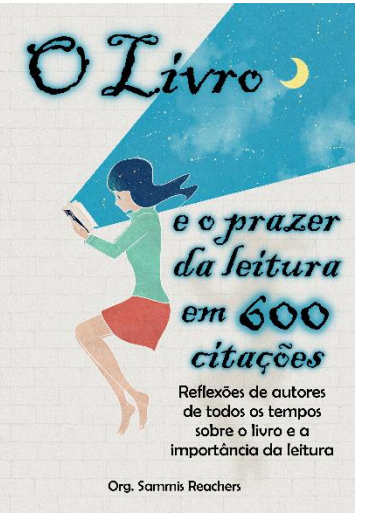
marocidental.blogspot.com

Sumário

Breve proseado a título de apresentação 04
Dia do Livro – *Gilberto Madeira* 05
Saudade – *Tony Roberson de Mello Rodrigues* 06
Aula de leitura – *Ricardo Azevedo* 07
Sem título – *Emily Dickinson* 09
Homem... – *Jean De La Rivière* 10
Devorar – *Alphonsus de Guimaraens Filho* 11
Viajar pela leitura – *Clarice Pacheco* 12
Leite, leitura – *Paulo Leminski* 13
O editor – *Alberto Martins* 14
Livro – *Luísa Ducla Soares* 15
A casa estava quieta e o mundo calmo – *Wallace Stevens* 16
De quem a culpa? – *Victor Hugo* 17
Carta ao Livro de Bolso – *Sammis Reachers* 20
Os livros – *Eugénio de Andrade* 22
Um Livro – *João Pedro Mésseder* 23
Ler – *Edith Chacon Theodoro* 25
A um livro – *Florbela Espanca* 26
O Livro e a América – *Castro Alves* 27
Os meus livros – *Jorge Luis Borges* 32
Biblioteca Verde – *Carlos Drummond de Andrade* 33
O homem que lê – *Rainer Maria Rilke* 36
A Leitora – *António Ramos Rosa* 38
TROVAS 39
Bibliografia 45
Outras antologias 46

Breve prosado a título de apresentação

Esta coleção mambembe, "Separatas a Esmo", é a desculpa que me dou quando não quero realizar uma antologia temática de maior fôlego, mas não posso deixar de cumprir meu *solitário* papel *social* de antologista, que é nutrir o leitor com leituras benfazejas (ou que ao menos eu goste de ler). Assim, bom é já avisar que há de certeza muitos outros poemas sobre o Livro e a Leitura que aqui poderiam figurar; estão por aí, perdidos/pulsantes no hiperuniverso da literatura. Mas temos aqui algo com que começar, algo com que alegrar-nos.



A confirmar o caráter de breve fôlego deste plaquete, preciso assinalar que a maior parte destes poemas foram retirados, sim, de antologia senão de facto, ao menos de direito e ISBN, a obra (que também organizamos) *O Livro e o Prazer da Leitura em 600 Citações* (Uiclap, 2023). A maior parte, mas não todos. Há poemas aqui que não entraram na referida seleta, e aquela é, afinal, focada no universo das frases. Aqui, embora em espaço exíguo, a poesia reina sozinha, esporte primevo que sempre lhe aprouve e bem vestiu.

No mais, aqui estão, graciosamente para você ler e compartilhar, poemas sobre Sua Majestade, o Livro.

Sammis Reachers

Dia do Livro

Gilberto Madeira

Hoje é o Dia do maior mistério do mundo.

Aquele que nos faz viajar sem sair do lugar;

Que nos confronta sem nos ferir;

Que nos ensina sem ser soberbo;

Que nos fortalece sem se tornar uma muleta;

Que nos remedia sem causar dependência.

Um LIVRO!

Saudade

Tony Roberson de Mello Rodrigues

Aqui em casa,
Que falta nos faz Cecília:
Seus poemas eram lidos
Em família.

Nas tardes de garoa,
Choviam heterônimos:
Que falta nos faz Pessoa!

Redescobrir a pureza humana,
Domesticar os demônios,
Enlouquecer as filigranas...
Falta-nos Quintana.

Pobres dos homens que anseiam
O mundo que mais tarde
Incendeiam...

E o livro, inquieto,
Grita do alto da estante:
- Empoeirou-se o meu instante?

Aula de leitura

Ricardo Azevedo

A leitura é muito mais
do que decifrar palavras.
Quem quiser parar pra ver
pode até se surpreender:
vai ler nas folhas do chão,
se é outono ou se é verão;
nas ondas soltas do mar,
se é hora de navegar;
e no jeito da pessoa,
se trabalha ou se é à-toa;
na cara do lutador,
quando está sentindo dor;
vai ler na casa de alguém
o gosto que o dono tem;
e no pelo do cachorro,
se é melhor gritar socorro;
e na cinza da fumaça,
o tamanho da desgraça;
e no tom que sopra o vento,

se corre o barco ou vai lento;
também na cor da fruta,
e no cheiro da comida,
e no ronco do motor,
e nos dentes do cavalo,
e na pele da pessoa,
e no brilho do sorriso,
vai ler nas nuvens do céu,
vai ler na palma da mão,
vai ler até nas estrelas
e no som do coração.
Uma arte que dá medo
é a de ler um olhar,
pois os olhos têm segredos
difíceis de decifrar.

Sem título

Emily Dickinson

Fragata melhor não há
Pra nos levar a terra alheia,
Nem melhor corcel que a página
Onde a poesia curveteia.

Homem...

Jean De La Rivière

Homem, para viver satisfeito,

Para aprender a viver, leia!

E não perca seu tempo,

Procurando defeitos nos livros.

Nenhum livro é tão perfeito

Que nele algo não possa ser criticado.

Mas também nenhum é tão mal feito

Que nele algo não possa ser aproveitado.

Devorar

Alphonsus de Guimaraens Filho

Devorar esses livros como quem
Come folhas de alface. Devorá-los,
De muitos condimentos salpicá-los,
Para que afinal nos saibam bem.

Não feri-los, roê-los, esmagá-los.
Devorá-los com a fome que nos vem
Da esperança talvez de iluminá-los,
De revelá-los sem tristeza, sem.

Não impulso de papirofagia,
Ou de quem come cinza. Tão-somente
Ir ao cerne da noite que os retém.

Devorá-los com certa nostalgia,
Em nós fundi-los derradeiramente,
E então deixá-los como lhes convém.

Viajar pela leitura

Clarice Pacheco

Viajar pela leitura
sem rumo, sem intenção.
Só para viver a aventura
que é ter um livro nas mãos.
É uma pena que só saiba disso
quem gosta de ler.
Experimente!
Assim, sem compromisso,
você vai me entender.
Mergulhe de cabeça
na imaginação!

Leite, leitura

Paulo Leminski

letras, literatura,

tudo o que passa,

tudo o que dura

tudo o que duramente passa

tudo o que passageiramente dura

tudo, tudo, tudo

não passa de caricatura

de você, minha amargura

de ver que viver não tem cura

O editor

Alberto Martins

Passa o dia entre livros
Que não existem, ainda estão por ser escritos
Ou nunca chegarão a ser impressos.
Não trabalha no campo
Mas tem as mãos escalavradas:
A pele dos dedos descama feito pergaminho.
De noite voltam para casa
Ele e sua sombra – enxertada de palavras.

Livro

Luísa Ducla Soares

Um amigo para falar comigo.

Um navio para viajar

Um jardim para brincar

Uma escola para levar debaixo do braço

Livro um abraço para além do tempo e espaço.

A casa estava quieta e o mundo calmo

Wallace Stevens
Trad. Paulo Henriques Britto

A casa estava quieta e o mundo calmo.
Leitor tornou-se livro, e a noite de verão

Era como o ser consciente do livro.
A casa estava quieta e o mundo calmo.

Palavras eram ditas como se livro não houvesse,
Só que o leitor debruçado sobre a página

Queria debruçar-se, queria mais que muito ser
O sábio para quem o livro é verdadeiro

E a noite de verão é como perfeição da mente.
A casa estava quieta porque tinha de estar.

Estar quieta era parte do sentido e da mente:
Acesso da perfeição à página.

E o mundo estava calmo. Em mundo calmo,
Em que não há outro sentido, a verdade

É calma, é verão e é noite, a verdade
É o leitor insone debruçado a ler.

De quem a culpa?

Victor Hugo

– Tu fostes incendiar a Biblioteca?
– Sim,
Queimei-a.
– Mas é um crime inaudito e ruim,
Que mesmo contra ti, infame, praticaste!
A luz que a tua alma aclara, intrépido, apagaste!
É a tua própria luz que acabas de soprar.
Isso que teu ódio ímpio e louco ousa queimar
é teu bem, teu tesouro, a herança da tua alma,
o livro te protege, instrui, anima e acalma.
O livro toma sempre a tua defensiva.
Vale uma biblioteca o ato de fé, que agora,
cada uma geração, nos livros, rediviva,
presta: é a noite rendendo um testemunho à aurora.
Oh! nesse venerando acervo de verdade,
nessas obras geniais jorrando claridades,
tumba da antiguidade erguida em repertório.

Nos séculos de luz, nesse genuflexório,
no passado, lição que soletra o porvir.

Nisso que se criou para não se extinguir.
Nos poetas, nos heróis, belos, imarscíveis,
na ruma divinal dos Eschylos terríveis,
dos Homeros, dos Jobs, de pé sobre o arrebol,
em Moliére, em Voltaire e Kant, à luz do sol,
ímpio! Foste chegar uma tocha inflamada!

Todo o espírito humano em cinza, em fumarada!
Esqueceste que o livro é teu libertador?
Lá na altura ele está, como altivo condor:
brilha. Porque ele brilha é que nos ilumina;
destrói o cadafalso, a miséria, a chacina.

Ele fala, e nos diz: nada de escravo ou pária.
Abre um livro, vai ler: Platão, Milton, Beccaria,
esses profetas: Dante, e Corneille e Shakespeare;
a alma imensa que têm, em ti sentes surgir;
lendo-os, sentes-te igual a eles todos, altivo;
lendo, tornas-te meigo, austero e pensativo.

Eles, em tua mente, aumentam de grandeza.
À escuridão de um claustro a alva vem dar clareza.
À proporção que ele entra e afunda em tua mente,
tornas-te mais feliz, tornas-te mais vivente.

Tua alma torna-se apta a arguida responder.
Reconheces-te bom e sentes derreter
como a neve ao calor, a vaidade sombria,
o mal, o preconceito, a tirania!

Pois, no homem o saber é o que chega primeiro;
depois a liberdade. Esta divina luz
é tua, e foste tu que, de pronto, a apagaste.
O livro atinge os fins que tu próprio sonhaste.
Entra em teu pensamento e solta e desenleia
os grilhões com que o erro, a verdade aperreia.

A consciência é um nó górdio horrível, que asfixia.
O livro é teu guardião, teu médico, teu guia.
Tua raiva, ele acalma, e tira-te a demência.
Eis o que perdes, tu, por tua intransigência.
O livro é teu tesouro; é a riqueza, é o saber,
o direito, a verdade, a virtude, o dever,
a razão, aclarando a tua inteligência.
E tu queimaste tudo, infame!...
– Eu não sei ler!

Carta ao Livro de Bolso

Sammis Reachers

Adolescido tomo
lanterna dos afogados

paraninfo da literatura
rancho da tropa, democrática
classe econômica
talismã, lítero muiraquitã iniciático

sustentáculo dos sebos, colecionário
de ceitils, centavos e xelins

ingresso de matinê
na nau de Stevenson, na floresta
de London
na faiscante Paris espadachim e amante
dos Dumas

condensário das imensidões
de Moby Dick ao pai Quixote

dramas d'antanho em prosa e papel jornal

poemas seletos lidos com lenta pressa
enquanto sacoleja o bonde ou o busão

lâmpada de celulose que exulta
na cama de solteiro do quartinho dos fundos
tanto te devemos, fiador dos desamparados
bengala dos moços, livro de bolso

Os livros

Eugénio de Andrade

Os livros. A sua cálida,
terna, serena pele. Amorosa
companhia. Dispostos sempre
a partilhar o sol
das suas águas. Tão dóceis,
tão calados, tão leais,
tão luminosos na sua
branca e vegetal e cerrada
melancolia. Amados
como nenhuns outros companheiros
da alma. Tão musicais
no fluvial e transbordante
ardor de cada dia.

Um Livro

João Pedro Mésseder

Levou-me um livro em viagem
não sei por onde é que andei.
Corri o Alasca, o deserto
andei com o sultão no Brunei?
P'ra falar verdade, não sei.

Com um livro cruzei o mar,
não sei com quem naveguei.
Com marinheiros, corsários,
tremendo de febres e medo?
P'ra falar verdade não sei.

Um livro levou-me p'ra longe
não sei por onde é que andei.
Por cidades devastadas
no meio da fome e da guerra?
P'ra falar verdade não sei.

Um livro levou-me com ele

até ao coração de alguém
e aí me enamorei –
de uns olhos ou de uns cabelos?
P'ra falar verdade não sei.

Um livro num passe de mágica
tocou-me com o seu feitiço:
Deu-me a paz e deu-me a guerra,
mostrou-me as faces do homem
– porque um livro é tudo isso.

Levou-me um livro com ele
pelo mundo a passear.
Não me perdi nem me achei
– porque um livro é afinal…
um pouco da vida, bem sei.

Ler

Edith Chacon Theodoro

Ler.

Ler sempre.

Ler muito.

Ler “quase tudo”.

Ler com os olhos, os ouvidos, com o tato, pelos poros e demais sentidos.

Ler com razão e sensibilidade.

Ler desejos, o tempo, o som do silêncio e do vento.

Ler imagens, paisagens, viagens.

Ler verdades e mentiras.

Ler o fracasso, o sucesso, o ilegível, o impensável, as entrelinhas.

Ler na escola, em casa, no campo, na estrada, em qualquer lugar.

Ler a vida e a morte.

Saber ser leitor, tendo o direito de saber ler.

Ler simplesmente ler.

A um livro

Florbela Espanca

No silêncio de cinzas do meu Ser
Agita-se uma sombra de cipreste,
Sombra roubada ao livro que ando a ler,
A esse livro de mágoas que me deste.

Estranho livro aquele que escreveste,
Artista da saudade e do sofrer!
Estranho livro aquele em que puseste
Tudo o que eu sinto, sem poder dizer!

Leio-o, e folheio, assim, toda a minh'alma!
O livro que me deste é meu, e salma
As orações que choro e rio e canto! …

Poeta igual a mim, ai que me dera
Dizer o que tu dizes! … Quem soubera
Velar a minha Dor desse teu manto! …

O Livro e a América

Castro Alves

Talhado para as grandezas,
Pra crescer, criar, subir,
O Novo Mundo nos músculos
Sente a seiva do porvir.
— Estatuário de colossos —
Cansado doutros esboços
Disse um dia Jeová:
"Vai, Colombo, abre a cortina
"Da minha eterna oficina...
"Tira a América de lá".

Molhado inda do dilúvio,
Qual Tritão descomunal,
O continente desperta
No concerto universal.
Dos oceanos em tropa
Um — traz-lhe as artes da Europa,
Outro — as bagas de Ceilão...
E os Andes petrificados,

Como braços levantados,
Lhe apontam para a amplidão.

Olhando em torno então brada:
"Tudo marcha!... Ó grande Deus!
As cataratas — pra terra,
As estrelas — para os céus
Lá, do pólo sobre as plagas,
O seu rebanho de vagas
Vai o mar apascentar...
Eu quero marchar com os ventos,
Corn os mundos... co'os
firmamentos!!!"
E Deus responde — "Marchar!"

"Marchar! ... Mas como?... Da Grécia
Nos dóricos Partenons
A mil deuses levantando
Mil marmóreos Panteon?...
Marchar co'a espada de Roma
— Leoa de ruiva coma
De presa enorme no chão,
Saciando o ódio profundo...

— Com as garras nas mãos do mundo,

— Com os dentes no coração?...
"Marchar!... Mas como a Alemanha
Na tirania feudal,
Levantando uma montanha
Em cada uma catedral?...
Não!... Nem templos feitos de ossos,
Nem gládios a cavar fossos
São degraus do progredir...
Lá brada César morrendo:
"No pugilato tremendo
"Quem sempre vence é o porvir!"

Filhos do sec'lo das luzes!
Filhos da Grande nação!
Quando ante Deus vos mostrardes,
Tereis um livro na mão:
O livro — esse audaz guerreiro
Que conquista o mundo inteiro
Sem nunca ter Waterloo...
Eólo de pensamentos,
Que abrira a gruta dos ventos

Donde a Igualdade vooul...

Por uma fatalidade
Dessas que descem de além,
O sec'lo, que viu Colombo,
Viu Guttenberg também.
Quando no tosco estaleiro
Da Alemanha o velho obreiro
A ave da imprensa gerou...
O Genovês salta os mares...
Busca um ninho entre os palmares
E a pátria da imprensa achou...

Por isso na impaciência
Desta sede de saber,
Como as aves do deserto
As almas buscam beber...
Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.

Vós, que o templo das idéias
Largo — abris às multidões,
Pra o batismo luminoso
Das grandes revoluções,
Agora que o trem de ferro
Acorda o tigre no cerro
E espanta os caboclos nus,
Fazei desse "rei dos ventos"
— Ginete dos pensamentos,
— Arauto da grande luz! ...

Bravo! a quem salva o futuro
Fecundando a multidão! ...
Num poema amortalhada
Nunca morre uma nação.
Como Goethe moribundo
Brada "Luz!" o Novo Mundo
Num brado de Briaréu...
Luz! pois, no vale e na serra...
Que, se a luz rola na terra,
Deus colhe gênios no céu!...

Os meus livros

Jorge Luis Borges

Os meus livros (que não sabem que existo)
São uma parte de mim, como este rosto
De têmporas e olhos já cinzentos
Que em vão vou procurando nos espelhos
E que percorro com a minha mão côncava.
Não sem alguma lógica amargura
Entendo que as palavras essenciais,
As que me exprimem, estarão nessas folhas
Que não sabem quem sou, não nas que escrevo.
Mais vale assim. As vozes desses mortos
Dir-me-ão para sempre.

Biblioteca Verde

Carlos Drummond de Andrade

Papai, me compra a Biblioteca Internacional de Obras Célebres.
São só 24 volumes encadernados
em percalina verde.
Meu filho, é livro demais para uma criança.
Compra assim mesmo, pai, eu cresço logo.
Quando crescer eu compro. Agora não.
Papai, me compra agora. É em percalina verde,
só 24 volumes. Compra, compra, compra.
Fica quieto, menino, eu vou comprar.
Rio de Janeiro? Aqui é o Coronel.
Me mande urgente sua Biblioteca
bem acondicionada, não quero defeito.
Se vier com um arranhão recuso, já sabe:
quero devolução de meu dinheiro.
Está bem, Coronel, ordens são ordens.
Segue a Biblioteca pelo trem-de-ferro,
fino caixote de alumínio e pinho.
Termina o ramal, o burro de carga
vai levando tamanho universo.

Chega cheirando a papel novo, mata
de pinheiros toda verde. Sou
o mais rico menino destas redondezas.
(Orgulho, não; inveja de mim mesmo.)
Ninguém mais aqui possui a coleção
das Obras Célebres. Tenho de ler tudo.
Antes de ler, que bom passar a mão
no som da percalina, esse cristal
de fluida transparência: verde, verde.
Amanhã começo a ler. Agora não.
Agora quero ver figuras. Todas.
Templo de Tebas. Osíris, Medusa,
Apolo nu, Vênus nua… Nossa
Senhora, tem disso nos livros?
Depressa, as letras. Careço ler tudo.
A mãe se queixa: Não dorme este menino.
O irmão reclama: Apaga a luz, cretino!
Esparmacete cai na cama, queima
a perna, o sono. Olha que eu tomo e rasgo
essa Biblioteca antes que pegue fogo
na casa. Vai dormir, menino, antes que eu perca
a paciência e te dê uma sova. Dorme,
filhinho meu, tão doido, tão fraquinho.

Mas leio, leio. Em filosofias
tropeço e caio, cavalgo de novo
meu verde livro, em cavalarias
me perco, medievo; em contos, poemas
me vejo viver. Como te devoro,
verde pastagem. Ou antes carruagem
de fugir de mim e me trazer de volta
à casa a qualquer hora num fechar de páginas?
Tudo que sei é ela que me ensina.
O que saberei, o que não saberei nunca,
está na Biblioteca em verde murmúrio
de flauta-percalina eternamente.

O homem que lê

Rainer Maria Rilke

Eu lia há muito. Desde que esta tarde
com o seu ruído de chuva chegou às janelas.
Abstraí-me do vento lá fora:
o meu livro era difícil.
Olhei as suas páginas como rostos
que se ensombram pela profunda reflexão
e em redor da minha leitura parava o tempo. —
De repente sobre as páginas lançou-se uma luz
e em vez da tímida confusão de palavras
estava: tarde, tarde… em todas elas.
Não olho ainda para fora, mas rasgam-se já
as longas linhas, e as palavras rolam
dos seus fios, para onde elas querem.
Então sei: sobre os jardins
transbordantes, radiantes, abriram-se os céus;
o sol deve ter surgido de novo. —
E agora cai a noite de Verão, até onde a vista alcança:
o que está disperso ordena-se em poucos grupos,
obscuramente, pelos longos caminhos vão pessoas

e estranhamente longe, como se significasse algo mais,
ouve-se o pouco que ainda acontece.

E quando agora levantar os olhos deste livro,
nada será estranho, tudo grande.
Aí fora existe o que vivo dentro de mim
e aqui e mais além nada tem fronteiras;
apenas me entreteço mais ainda com ele
quando o meu olhar se adapta às coisas
e à grave simplicidade das multidões, —
então a terra cresce acima de si mesma.
E parece que abarca todo o céu:
a primeira estrela é como a última casa.

A Leitora

António Ramos Rosa

A leitora abre o espaço num sopro subtil.
Lê na violência e no espanto da brancura.
Principia apaixonada, de surpresa em surpresa.
Ilumina e inunda e dissemina de arco em arco.
Ela fala com as pedras do livro, com as sílabas da sombra.

Ela adere à matéria porosa, à madeira do vento.
Desce pelos bosques como uma menina descalça.
Aproxima-se das praias onde o corpo se eleva
em chama de água. Na imaculada superfície
ou na espessura latejante, despe-se das formas,

branca no ar. É um torvelinho harmonioso,
um pássaro suspenso. A terra ergue-se inteira
na sede obscura de palavras verticais.
A água move-se até ao seu princípio puro.
O poema é um arbusto que não cessa de tremer.

TROVAS

Quando passo alguns minutos
No pomar, a um livro atento,
Eu penso em colher bons frutos...
– os frutos do pensamento.
Nereu Humberto Frickmann

É celulose modesta,
Mas seu destino, fecundo,
Pois – da sombria floresta –
O livro ilumina o mundo.
Maria Thereza Cavalheiro

Se queres ter um Amigo
Que não fala, pois é mudo,
O Livro é luz que bendigo,
Que calado, fala tudo.
Filemon F. Martins

Não sei se todos ponderam
a troca que o livro traz…
Grandes homens o fizeram,
grandes homens ele faz!
Lucília A. Trindade Decarli

Não me tenhas por ausente;
Se não vai carta, não zangue.
O livro é o melhor presente,
Feito com suor e sangue.
Renato Baez

Todo livro, quando aberto,
é pólen, é flor, é fruto...
Fechado é sombra, é deserto,
é silêncio, é campa, é luto.
Cyro Armando Catta Preta

"Livro é presente de amigo"
– é o que se diz fartamente.
E eu acrescento comigo:
"Livro é um amigo presente".
Anatole Ramos

Aberto em asas de paz,
na escola, no lar, na igreja,
por todo o bem que nos faz,
o livro bendito seja!
Vera Vargas

Semeador de esperanças,
Lobato foi mais além:
dando livros às crianças,
semeou sonhos também!
David de Araújo

De livros encham-se as casas,
eis um conselho excelente,
pois o livro, aberto em asas,
põe asas n'alma da gente.
Orlando Brito

Dai bons livros à criança
e um ensino permanente:
o livro é verde esperança,
que abre os caminhos da mente.
P. de Petrus

O livro, triste mar morto,
na estante, limpo, fechado.
Luzeiro, molde, conforto,
livro velhinho, ensebado.
Nair Starling

Livro bom, lido com calma,
traz emoção e alegria...
Por isso dói tanto n'alma
ver uma estante vazia!
Hermoclides Siqueira Franco

A luz que mais forte brilha,
que mais aclara e perdura,
tem origem na cartilha:
denomina-se Cultura.
José Nogueira da Costa

Livros há cuja estrutura
lembra a do arado, na essência:
– rasgam sulcos de cultura
no campo da inteligência.
Cesídio Ambrogi

Deste espaço que, na vida,
preenchemos com tempo certo,
daremos conta devida,
da Vida no Livro aberto!
Alberto Fernando Bastos

Dar um livro de presente
este remédio me enseja:
quem o dá é inteligente
e espera que o outro o seja...
Aparício Fernandes

Bendito aquele que lança
um livro sério, profundo,
e faz voltar a esperança
que vai fugindo do mundo.
Paulo Emílio Pinto

Um livro, um filho, uma planta,
pela estrada percorrida...
Quem consegue glória tanta,
plantou sementes na vida.
Wilson Dantas

Nada mais belo, decerto,
no cenário da esperança,
que a imagem de um livro aberto
sob o olhar de uma criança!
José Lucas de Barros

Sempre em silêncio profundo,
entre dores e alegrias,
no livro se encerra um mundo
de eternas sabedorias.
Reinaldo de Aguiar

O livro é o maior dos bens,
sem ele crescem teus males...
Dize-me os livros que tens
e eu te direi quanto vales.
Durval Mendonça

Mais sábio na vida é quem
possui a sabedoria
daqueles que sempre têm
bons livros por companhia.
Sebas Sundfeld

Bibliografia

6 poemas sobre leitura para ler e apreciar. Como Fazer um Poema. < https://comofazerumpoema.com/poemas-sobre-leitura-importancia-poesia/?fbclid=IwAR1EhqY3TMMV05cKqn6_iyuqZe4sFsYsCXbNlHYkbZRwBvsX0RiWowkIhwo >.

10 Poesias sobre livros. Seleção de Felipo. Portal Minhas Atividades. < https://minhasatividades.com/poesias-sobre-livros/ >.

O Livro e a América. Blocos Online. < https://www.blocosonline.com.br/literatura/poesia/pndp/pndp010701.htm >.

Poema "Aula de Leitura". Tudo sobre Leitura (blog). < https://tudosobreleitura.blogspot.com/2011/02/poema-aula-de-leitura.html?m=1&fbclid=IwAR0GzPRQBpN8zwMmJZsaO8Nd79G2D4kSU-SHtyIMES8Vs6lLgPpw88ahEsg >.

REACHERS, Sammis. O Livro e o Prazer da Leitura em 600 Citações. São Paulo: Uiclap, 2023.

Trovas sobre o Livro. Falando de Trova. < https://falandodetrova.com.br/trovassobreolivro >.

(Cinquenta) Outras Antologias

Sou um pacato professor de Geografia por ofício e literato por destino, eleição ou obsessão.
Ao longo dos anos, já foram mais de cinquenta as antologias, de maior ou menor fôlego e dos mais variados temas e gêneros, as que publicamos. Grande parte delas está graciosamente disponibilizada na forma de *e-books* gratuitos, parte deles acessíveis no Google Livros:
https://www.google.com/search?tbm=bks&q=Sammis+Reachers.

Algumas outras estão comercializadas na Amazon: https://www.amazon.com.br/s?k=sammis+reachers.

Há ainda, em formato impresso, antologias na Uiclap: https://uiclap.bio/sammisreachers.

Por fim, você poderá ter acesso a muitos outros textos e livros *autorais* do autor (poesia, crônica, conto, romance) aqui: http://linktr.ee/sreachers.

Ah, sim: A coleção *Separatas a Esmo* conta com duas outras edições, os volumes *Para Que Serve a Imprensa, Afinal?*, e *Piadas & Anedotas Geográficas*. Conheça e baixe gratuitamente aqui: https://marocidental.blogspot.com/p/separatas-esmo.html.